



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA CULTURAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Disciplina: FCA626 Teoria Antropológica II

Tema: Sobrevivência e Esperança: perspectivas antropológicas

Professora: Adriana Facina

Período: PLE/2020

Número de créditos: 4cr

Carga horária: 60h

Dia/Horário: 4as feiras, 13:40-17:00h (horário síncrono a combinar)

Programa:

A disciplina procura refletir sobre experiências de sobrevivência em diferentes contextos, compreendendo o sobreviver a partir de uma visada baseada em autores como Jacques Derrida e Homi Bhabha e em pesquisas de campo realizadas pela professora. A ideia de cultura de sobrevivência surgiu de uma fala de um interlocutor de pesquisa e foi desdobrada no diálogo com autores e autoras de diversas áreas de conhecimento: antropologia, estudos culturais, história, filosofia, crítica de arte, linguística. Nessa perspectiva, sobreviver não se limita ao se manter vivo, mas diz respeito à experiência criativa de inventar existências significativas em meio a precariedade de direitos, incluindo o direito à vida. Derrida descreve a sobrevivência como um estado de suspensão, uma espécie de *sursis*, que constrói modos específicos de lidar com o tempo e produz conhecimentos e saberes tecidos no ato de driblar/adiar a morte.

Se a sobrevivência é marcada pelo tempo do agora, em termos benjaminianos, a esperança aponta para o futuro. A partir de Spinoza, Walter Benajmin, Ernst Bloch, Paulo Freire, Terry Eagleton, Vincent Crapanzano, Johnathan Lear, Hirozaku Miyazaki, Gloria Anzaldúa, Leda Maria Martins e Conceição Evaristo refletiremos sobre as diversas possibilidades de pensar a esperança e sua relação com percepções diversas sobre o tempo histórico. Abordaremos ainda as complexas conexões entre esperança e desesperança, esperança e otimismo, esperança e pessimismo, esperança e medo.

Encerro esta breve apresentação do programa do curso com um poema de Paulo Freire, *Canção Óbvia*, escrito em 1971, durante seu exílio político. Ele pode ser lido como nossa carta de intenções desta disciplina:

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;

meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,;
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente ,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

Referências bibliográficas:

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Revista de Estudos Feministas. v.8, n. 1, p.229-236, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, p. 222-232, 1994.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.
- BLOCH, Ernst. O princípio esperança. vol. I. Rio de Janeiro, Eduerj/Contraponto, 2005.
- BURKE, Peter. A esperança tem história? Estudos Avançados, 26 (75), pp. 207-212, 2012
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1990.
- CRAPANZANO, Vincent. Reflections on Hope as a Category of Social and Psychological Analysis. Cultural Anthropology 21(2) p. 147-172, 2006.
- DERRIDA, Jacques. Living on/Border Lines. In: BLOOM et al. (orgs.). Deconstruction and criticism. London, Continuum, p.62-142, 1979.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.
- EAGLETON, Terry. Hope without Optimism. Charlottesville, University of Virginia Press, 2015.
- EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro, Pallas, 2014.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- GELL, Alfred. A antropologia do tempo. Construções culturais de mapas e imagens temporais.

Petrópolis, Vozes, 2014.

LEAR, Johnathan. *Radical Hope: Ethics in the Face of Cultural Devastation*. Cambridge, Havard University Press, 2006.

LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel S. (orgs.). *Nó em pingo d'água. Sobrevivência, cultura e linguagem*. Rio de Janeiro/Florianópolis, Mórula Editorial/Editora Insular, 2019.

MYIAZAKI, Hirozaku. *The Method of Hope: Anthropology, Philosophy and Fijian Knowledge*. Stanford, Stanford University Press, 2004.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. São Paulo/Belo Horizonte, Perspectiva/Mazza Edições, 1997.

SILVA, Daniel; ALENCAR, Claudiana. Arranjos violentos e esperança: Como a linguagem dos direitos humanos operou num atentado em Fortaleza, CE. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v.57, n.2, p.675-698, 2018.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.